

ENTREVISTA

Nossa revista continua perseguindo o objetivo de publicar as histórias e opiniões de pessoas que colaboraram com a construção do curso de Musicoterapia e que, com empenho e perseverança, abriram caminhos para a colocação da profissão em diferentes instituições no Paraná. A Professora e Musicoterapeuta **Eulide Jazar Weibel** foi a entrevistada desta edição. Professora da Faculdade de Artes do Paraná-FAP, aposentou-se no ano de 2012, quando exercia o cargo de vice-diretora. Musicoterapeuta atuante e sempre envolvida com o processo de divulgação do curso e da profissão, o entusiasmo com que desenvolveu seu trabalho foi marcante. Com a espontaneidade que lhe é característica, ela relatou dados de sua biografia musical e os caminhos que a levaram a trabalhar no âmbito musicoterapêutico.

REVISTA: Conte um pouco de sua trajetória musical e dos caminhos que a levaram até o curso e a profissão de musicoterapeuta:

EULIDE: Sou natural de Curitiba-PR. Estudei em um colégio de freiras, onde o canto e as atividades religiosas eram frequentes. Minha mãe tinha uma voz belíssima. Depois dos meus estudos, poderia dizer que ela era uma soprano, com um timbre muito bonito. Ela sempre nos incentivou na área da música. Cedo, comecei a aprender piano e minha irmã o acordeom. Sempre gostei de música e me dediquei ao instrumento. Passava as tardes inteiras tocando e dando aulas de reforço para alunos de minha professora de piano Sra. Waltelina Leal. A música me fez seguir para o magistério ao invés de cursar, na época, o científico. Esse curso era ofertado nos horários em que eu tinha aulas de piano. Assim, optei por cursar o magistério. Nas atividades do colégio, principalmente em festas, me requisitavam para tocar. Minha irmã detestava estudar música, porém, tínhamos o seu acordeom em casa. Logo peguei o instrumento e, para alegria do meu pai, passei a tocar nas festas juninas e nas festas do colégio.

No meu primeiro emprego como professora, eu era responsável pela área de recreação. Participei de colônias de férias organizadas pelo nosso município. Lá fui

contratada pela prefeitura. Trabalhei em escola da prefeitura e em centros de esportes e ainda mantinha o padrão no estado como professora recreacionista.

Um dia, estava na minha casa, sentada na varanda junto com meu pai, quando o Sr. Giovane Temp, professor de acordeom de duas minhas vizinhas, passou e pediu licença para meu pai para me convidar para tocar acordeom com ele, pois estava formando um grupo de acordeonistas. Meu pai não esperou eu dizer se queria ou não, prontamente o convidou para um café e lá fui eu tocar La traviata, Canção Russa e muitas composições do professor. Assim eu dava alegria para meu pai que detestava piano.

Já casada eu trabalhava na área da Educação Física e fui tentar o vestibular para esta área. Chegando no curso preparatório me pediram para eu vir correndo e saltar em uma paralela. Não saltei e desisti do vestibular.

O professor de acordeon soube que eu não iria mais fazer vestibular para Educação Física e foi pessoalmente na casa dos meus pais avisar do vestibular de música. O vestibular estava aberto e a prova era na parte da tarde. Lá fui eu. Fui bem classificada e fiz o curso de Licenciatura em Música. Iniciei em 1970 e me formei em 1974.

Na época havia uma adaptação para Licenciatura em Artes Plásticas e a Faculdade ofereceu essa complementação. Porém, só poderia fazer a Musicoterapia quem fosse formada em Música. Após minha formatura fiz minha matrícula para Especialização em Musicoterapia. Minha mãe ficou doente e eu precisei cuidar dela, desistindo do curso.

Os anos se passaram e eu já trabalhava no Ensino Especial. Constantemente a música tinha na minha vida e para os meus alunos, um papel terapêutico. Em 1983 abriu o Curso de Bacharelado em Musicoterapia que cursei e no qual me formei em 1986. Foi a primeira turma do curso de graduação.

Trabalhava na Escola de Ensino Especial Ecumênica, na área da deficiência mental. Sempre trabalhei com música e com alguns pacientes de Musicoterapia. Fiz parte do Centro de Avaliação mantido pela mesma Entidade de Manutenção da Escola Ecumênica. Lá participei como musicoterapeuta. Era um trabalho muito bom, pois os resultados obtidos concluíam as avaliações médicas e pedagógicas dos clientes.

Também ministrei aulas no Instituto de Educação do Paraná, para alunos do curso de Formação de Professores para o Ensino Especial no âmbito de limitações cognitivas, auditivas, e para o ensino infantil.

Em 1989 fui convidada pelas professoras Cinira e Jônia a dar umas horas de supervisão para alunos do curso de Musicoterapia da FAP. Iniciei como professora substituta. Acumulava os trabalhos na Escola Ecumênica e na Faculdade. Em 1992 o Estado modificou a razão social da Faculdade e todos os professores e funcionários foram enquadrados em quadro próprio, saindo totalmente do regime de CLT. Depois, em 2001, pedi demissão da Ecumênica e fiquei só na FAP. Sempre atuei na área dos estágios e nos últimos quatro anos da minha carreira participei da administração da Faculdade, no cargo de vice-diretora. Minha aposentadoria foi compulsória (pela idade) e por tempo de serviço.

REVISTA: Houve modificação no campo musicoterapêutico desde o início de sua carreira profissional até o presente? Você pode discorrer sobre este assunto?

EULIDE: Desde o início da minha carreira profissional até o presente momento, aconteceram grandes avanços. Isso pode ser constatado diante da ampliação e da consolidação da Musicoterapia, ressaltada pela sua maior independência no campo da ciência, e pela maior abrangência de atuação nos campos de estágio e conseqüentemente no trabalho profissional.

REVISTA: Qual é sua percepção da produção de trabalhos e pesquisas no campo da MT.

EULIDE: Percebo atualmente que nossa profissão, rotulada por estar no estágio de engatinha, agora se encontra em pé, sustentada pelos pressupostos teóricos, pela atuação competente de profissionais da Musicoterapia e principalmente pela produção de trabalhos de pesquisa, e suas respectivas publicações.

REVISTA: Qual é, na sua opinião, o ponto forte da prática musicoterapêutica?

EULIDE: O ponto forte é a utilização da música, de todas as formas possíveis de sua aplicação, quer seja na área pedagógica, empresarial, comunitária, na área da saúde, etc. Todas visando um objetivo principal: atingir um trabalho musicoterapêutico.

REVISTA: E quais são as limitações?

EULIDE: Como toda e qualquer área da saúde, da pedagogia, etc, todas em algum momento constata suas limitações. O que vivenciei na época da minha atuação e ainda permanece até hoje é a falta de divulgação, (propaganda mesmo), contar mais o que se faz. Em um segundo plano, cito a regulamentação da profissão.

REVISTA: O que você pode falar sobre a formação do musicoterapeuta?

EULIDE: A formação do musicoterapeuta não diferenciou das demais profissões que são criadas buscando referenciais, tanto teóricos como práticos, quero dizer, outras áreas supostamente estruturadas. Currículos já existentes serviram de base, para o começo da história da formação do Curso de Musicoterapia no Paraná. Após aplicações, o vivenciar do que estava proposto, estudos foram realizados e assim, após reflexões, os currículos foram modificados diante das necessidades e das prioridades que a profissão passou a exigir. Com a constante busca de novos conhecimentos, as ampliações e adequações, a formação está mais completa.

REVISTA: Qual o caso mais marcante de sua prática? Por quê?

EULIDE: Destaco o caso de J. Foi encaminhada por uma pedagoga que conheceu o trabalho da Musicoterapia. Verificando os resultados que lá eram obtidos ela

recomendou para os pais o trabalho de Musicoterapia para J. A pedagoga acreditava, apostava no resultado. Ela deixou claro para os pais que só este tratamento poderia dar condições de continuidade da criança no ensino comum. Aceitei o desafio e desenvolvemos um trabalho musicoterapêutico que resultou no desbloqueio de um trauma vivido pela paciente aos quatro anos. Este caso resultou na completa recuperação da J. que anos depois me ligou e disse: “eu estou na 8ª série do fundamental, um dia ainda quero encontrar você”.

REVISTA: Qual seria sua mensagem aos musicoterapeutas que estão iniciando sua trajetória profissional?

EULIDE: Que nossa profissão tem barreiras, sabemos, mas que pensem: qual profissão não as tem. Estudem música, toquem vários instrumentos e registrem da melhor forma possível todo o seu trabalho. Que falem e que tenham orgulho da profissão, pois ela é gratificante e especial. E que lembrem: outros profissionais não fazem o que o musicoterapeuta faz.